

Com. Brasil

De saudades e impostos

28 OUT 1997

JORNAL DE BRASÍLIA

ALEXANDRE GARCIA

Jornalista

Parece mentira, mas ainda existe gente com saudades da inflação. Acabo de ouvir, de um grande empresário do comércio, o desabafo de que "a coisa está feia: o consumidor está endividado e não está comprando mais; as lojas estão fechando. No tempo da inflação, a gente trabalhava melhor". Reagi com raiva: "Pois se voltar a inflação, eu vou embora do Brasil; não quero que meus filhos me cobrem que os tenha posto no mundo num País que permita a volta da inflação, depois de tê-la banido. Mas antes, vou fazer campanha para enforcar em praça pública os responsáveis pela volta da inflação".

Ele se surpreendeu com a minha reação, mas acho que até me contive. Porque a inflação que tivemos tirava 40%, durante o mês, do trabalhador de baixo salário e punha na conta daquele que vivia de reajustes de preços

e incorporação da inflação. O desconhecimento do valor real da moeda destruiu a percepção dos outros valores materiais de medida. Na noite escura da inflação, ninguém sabia o tamanho dos juros, dos impostos, dos salários, dos preços, dos custos, dos lucros. E muitos se enganaram, pensando que eram empresários.

**inflação que
tivemos tirava
40% mensalmente
do trabalhador e
punha na conta
dos que viviam de
reajuste de preços
incorporados
à inflação**

Inflação banida, tempos novos. Os que puseram faixas nas ruas, pedindo ajuda do Governo para combater a importação de tecido asiático, na verdade tinham carro de luxo na porta e iate nos fundos dos palacetes no Guarujá, e teares dos anos 50, dos quais resultavam camisas pelo dobro do preço. Tinham que quebrar, porque o po-

vo não pode pagar o dobro para sustentar esse tipo de coisa. O fabricante de calçados que quebrou tinha haras para se distrair e reaplicar o que ganhava do consumidor que pagava o dobro pelo sapato. Ou tinha mulher que passava a metade do ano no en-

tra-e-sai das lojas do Faubourg Saint Honoré - porque, afinal, o consumidor sustentava a fábrica que ainda cortava couro com navalha. Todos fizeram o necessário favor de fechar as portas.

Mas ainda restam saudosistas, queixando-se de que o consumidor, endividado, parou de comprar. O consumidor, pensando que preço estabilizado seria bom demais para ser eterno, jogou-se na ânsia de comprar enquanto podia. Não olhou os juros escorchantes - hoje, todo juro acima de 2% ao mês é para lá de escorçante - e foi comprando.

Quem cobrou os juros escorchantes, agora está pagando pela ganância. O consumidor também vai ter que perceber que o melhor é poupar e depois comprar à vista, pechinchando no melhor estilo árabe. Quanto aos que têm saudades da inflação, que façam

o favor de fechar as portas hoje mesmo. Se não conseguem sobreviver com economia estável, não são empresários. O consumidor não pode pagar a conta desse engano.

O que é injusto é que o consumidor pode deixar de comprar carro que custa o dobro e tem metade de tecnologia;

pode deixar de comprar de quem cobra juros escorchantes; pode usar seu poder de compra como bomba atômica capaz de demolir qualquer empresa, qualquer produto. Mas, como contribuinte, está impedido, pela lei, de agir da mesma forma. Não pode deixar de pagar impostos só porque o Governo persiste em não prestar os serviços correspondentes aos impos-

tos que recebe; não pode deixar de pagar impostos porque o Congresso ainda não fez as reformas para garantir o banimento da inflação. Por enquanto, o fim da inflação pode ter sido iniciativa do governo, mas é obra do Brasil privado, do Brasil cidadão.

